

# POESIA E *OPINION POLL*: UMA ANÁLISE DO ENGAJAMENTO POLÍTICO LITERÁRIO NO PERIODISMO GOÊS PÓS-COLONIAL (1961-1967)<sup>1</sup>

## POETRY AND OPINION POLL: AN ANALYSIS OF THE LITERARY POLITICAL ENGAGEMENT IN POSTCOLONIAL GOAN JOURNALISM (1961-1967)

MARCELLO FELISBERTO MORAIS DE ASSUNÇÃO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste texto, pretendemos esboçar uma análise da produção cultural e literária goesa em torno do momento do fim do colonialismo na Índia Portuguesa em 1961, por meio da análise dos periódicos *A Vida* (1938-1967), *Diário da Noite* (1919-1967) e *O Heraldo* (1900-). Analisaremos os editoriais e poesias destes jornais para perscrutar as diferentes leituras sobre a identidade goesa no quadro do turbulento processo de transição da Goa Pós-colonial, esmiuçando as diversas relações entre o campo político e cultural.

**PALAVRAS-CHAVES:** Literatura; Goa Pós-colonial; Jornalismo Cultural; *Opinion Poll*.

**ABSTRACT:** In this text we intend to make an analysis of Goan cultural and literary production at the time of the end of colonialism in Portuguese India in 1961, through the study of the journals, *A Vida*, *Diário da Noite* and *O Heraldo*. We will focus on the editorials and poems published in these newspapers to examine different readings of Goan identity in the context of the turbulent transition process of Postcolonial Goa, scrutinizing the several relationship between the political and cultural fields.

**KEYWORDS:** Literature; Post-colonial Goa; Cultural Journalism; Opinion Poll.

---

1 Este texto foi desenvolvido com o apoio de bolsa de pós-doutoramento da FAPESP (2017/18625-8). Foi também produzido no âmbito do Projeto Temático Pensando Goa, financiado pela FAPESP (Proc. 2014/15657-8). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a visão da FAPESP.

2 Pós-doutorando do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH, USP; bolsista FAPESP.

A *Operação Vijay*, que levou a cabo o colonialismo português em Goa em 19 de dezembro de 1961, gerou uma série de reações na imprensa e na literatura que ainda não foram esboçadas em uma análise mais profunda. Apesar de alguns avanços, a história social da imprensa e do jornalismo cultural goês pós-colonial ainda é incipiente. Pretendemos, portanto, preencher esse vácuo através da análise do periodismo cultural e sobretudo literário (editoriais, poesias, contos, críticas literárias etc.) nas suas múltiplas relações entre o campo cultural e o político. Também pretendemos analisar as diversas disputas entre grupos, classes e castas acerca de uma identidade goesa no quadro de tensão entre a libertação até o referendo, conhecido como *Opinion Poll*, que decide sobre a permanência de Goa como uma unidade política autônoma, em 16 de janeiro de 1967.

Dentro desse contexto de disputas, o nosso foco reside mais especificamente na análise da reação da elite católica (antigos membros do funcionalismo português, proprietários de terras e parte da elite intelectual) diante das mudanças estruturais na Goa pós-colonial, nomeadamente, a gradativa perda de seus privilégios econômicos, culturais e políticos. Para uma análise mais detalhada desse fenômeno, optamos por focar nos principais diários que permanecem no pós-libertação e que sobrevivem até o *Opinion Poll*, a saber: *A Vida (1938-1967)*, *Diário da Noite (1919-1967)* e *O Heraldo (1900-)*. Uma parte substantiva dos jornais em língua portuguesa vão desaparecendo gradativamente nesse turbulento processo da Goa pós-colonial, sendo esses os únicos diários que sobrevivem. Para fazer um estudo mais detido de tais periódicos, iremos dividir este artigo em dois momentos: uma análise do quadro sócio-histórico entre a libertação e o *Opinion Poll* e, em seguida, uma análise do engajamento político-literário nos editoriais e poesias publicadas nos jornais em questão.

## **1. Goa e as transições no pós-libertação (1961-1967)**

Com a libertação de Goa, o Major K. P. Candeth, que lidera a Operação Vijay, é empossado como governador temporário, sendo responsável pela transição do governo militar para um governo civil entre 20 de dezembro de 1961 e 8 de junho de 1962 (FERNANDES, 1998, p. 1). A partir dessa data, são organizadas as eleições com o tenente Timbur Shivsharkar à frente, efetivando concretamente

a transição civil entre 8 de junho e 2 de setembro de 1963 (FERNANDES 1998, p. 2). Nesse processo, Goa é integrada à União Indiana enquanto estado da União e são nomeados dois *freedom fighters* (Antonio Colaço e Pundalik Gaitonde) para o *Lok Sabha* (câmara baixa do parlamento da Índia). Com as eleições, em 9 de dezembro de 1963, inicia-se um longo processo de tensão entre duas forças políticas emergentes: o MGP (*Mahashatra Gomantank Party*) e UGP (*United Goan Party*), sendo, respectivamente, Dayanand Bandodkar e Jack Sequeira seus líderes partidários.

O MGP detinha um programa que flertava com o socialismo, tendo como principal promessa um sistema mais distributivo e a reforma na estrutura fundiária. Seus integrantes propõem um novo modelo de arrendamento das comunidades<sup>3</sup> e segurança social para o trabalhador rural.<sup>4</sup> Essa posição faz com que angariem em torno de si uma vasta camada dos *mundkars*<sup>5</sup> e das ditas castas baixas hindus. Além disso, promovem um discurso que qualifica os brâmanes hindus e os católicos em geral como colaboradores dos portugueses e, em contraponto, defendem a integração de Goa ao estado do Maharashtra, o chamado integracionismo, associando uma possível vitória do UGP ao retorno dos portugueses. Seus principais órgãos midiáticos são o *Gomanantak Times* e o *Gomantwani Times*, escritos em marata. Ligado a este grupo há também, desde o pós-libertação, uma discussão em torno do marata enquanto língua oficial, associando Goa à cultura do estado do Maharashtra.

Diferente do MGP, o UGP nasce da aliança de diversos partidos existentes: o *Goencho Paksh* (Jack Sequeira), o *Partido Indiano* (Álvaro de Loyola Furtado) e o

3 Comunidade é a designação dada em Goa para uma forma de ocupação coletiva da terra, predominantemente em zonas rurais e anterior ao colonialismo português.

4 Como reitera Aureliano Fernandes, essa perspectiva se alinha diretamente aos pressupostos do *India National Congress*, havendo diversos paralelos entre o MGP e estes, a saber: “1-Economic development through socialist means; 2- Removal of poverty through education and planned development; 3- Land reforms as proposed by the planning commission; 4- Development of a State Transport Corporation” (FERNANDES, 1998, p. 3).

5 Raghuraman S. Trichur define a relação *bhatkar-mundkar* enquanto unidade produtiva e social básica da sociedade goesa: “The bhatkar is na individual [...] with right of access to land in rural Goa. The mundkar is an individual who enters into a contractual agreement with the bhatkar to cultivate the land under the control of the latter [...] While the bhatkar were predominantly upper caste catholics and hindus brahmans and chaddos the mundkars mostly comprised of sudirs (shudras) and kunbis (predominantly catholic) or hindu peasant families like gavdas or naiks” (TRICHUR, 2013, p. 48).

*Goan National Union* (J. M. D'Souza). Esta unidade se concretiza, efetivamente, na oposição ao MGP e na luta contra o integracionismo, sendo um partido de maioria católica e defensor de uma identidade goesa centrada no concani, língua local, e em outras manifestações culturais vinculadas a essa língua.

Concentra seus partidários em sua maioria nas Velhas Conquistas, isto é, terras conquistadas pelos portugueses antes do século XVIII, provenientes de posições políticas distintas no período colonial, mas também conta com parte da comunidade hindu, sendo dirigidos pelas elites desses grupos. Seus órgãos de difusão são os antigos jornais já instituídos – e que serão analisados aqui – como *O Herald*, *A Vida*, em Panjim, o *Diário da Noite*, em Margão, como também o *Goan Tribune*, em Bombaim. Além disso, novos jornais surgidos nesse período também dão apoio ao partido, como é o caso do *Navhind Times* e o *Goa Today*, em inglês, o *Rashtramat*, em marata, ou o *Duty* e o *Sot*, em concani (RODRIGUES, 2008, p. 250).

O MGP vence com maioria de assentos na eleição (*Assembleia de Goa*) e Bhandodkar torna-se o Primeiro-Ministro em 20 de dezembro de 1963, sendo reeleito em 1967. Bhandodkar tenta levar à frente o projeto integracionista, mas o *India National Congress*, através da figura do primeiro ministro Jawaharlal Nehru, barra esse ímpeto. Nehru ganha grande notoriedade em Goa por conta de sua visita em 1963, tendo realizado diversos pronunciamentos no qual defende a ideia da singularidade do goês enquanto expressão particular da cultura geral da Índia, opondo-se à integração e à redução à cultura do Maharashtra:

Eu não entendo toda a agitação para que o marata seja reconhecido como a principal língua de Goa ou para que Goa seja integrada ao Maharashtra. Não há dúvidas de que o marata foi e ainda é muito utilizado em Goa. Isso continuará assim e certamente seu uso seria encorajado de todas as formas. No entanto, o concani é, como acredito, uma língua largamente falada em Goa. (NEHRU apud FERNANDES, 1998, p. 4; tradução nossa)<sup>6</sup>

---

6 Gostaria de assinalar que todas as traduções presentes neste artigo foram realizadas por Viviane Souza Madeira. Texto original em inglês: "I do not understand the agitation for Marathi being recognised as the principal language of Goa or Goa to be integrated with Maharashtra. There can be no doubt that Marathi was and is largely in use in Goa. It will continue to be so and would no doubt be encouraged in every way. But, Konkani is, I believe very widely spoken in Goa".

Nehru aparece diversas vezes nos jornais de língua portuguesa enquanto símbolo da defesa de uma Goa ao mesmo tempo indiana e goesa. Entretanto, as tensões aumentam com a morte do Primeiro Ministro, em 24 de maio de 1964, ocasionando uma maior pressão da ala mais extremista em relação à ala moderada dos integracionistas, da qual Bandodkar fazia parte. Este se vê forçado a acelerar a implantação do referendo para votar pela integração, gerando inúmeras polêmicas para sua instituição. No entanto, é somente em dezembro de 1966 que a *Assembleia de Goa* decide-se pela implantação do referendo, em 13 de janeiro de 1967, para votar a favor da manutenção como estado da união ou pela integração ao estado vizinho, havendo uma forte tensão entre hindus e católicos, entre as castas baixas e altas, entre as regiões das Velhas e Novas Conquistas.

Do lado do UGP, o concani é usado como instrumento de afirmação identitária contra o discurso do Maharashtra, afirmando a singularidade da goanidade frente à Índia. Para o antropólogo Robert S. Newman, o concani foi fundamental para a afirmação da identidade goesa, entre os anos de 1961 e 1967, e para a autonomização de Goa enquanto estado em 1987 (NEWMAN, 2000, p. 55). Na realidade, esta disputa acaba por ser fundamental para definir a própria representação contemporânea de Goa enquanto um “espaço da diferença” (TRICHUR, 2013; PAROBO, 2016).

Uma dimensão importante, que apontaremos aqui, é a presença, nos três principais jornais católicos daquele período (*O Heraldo*, *A Vida* e *Diário da Noite*), de um forte engajamento em prol da manutenção de Goa como um estado separado, usando o discurso da goanidade para defender essa autonomia. Mas, para além da retórica, temos uma verdadeira guerra em torno das reformas na estrutura fundiária e contra a secundarização dos setores que, até então, eram privilegiados: brâmanes e *bhatkares* católicos e, também, alguns membros da elite hindu (brâmanes e *bhatkares*). Para combater as reformas, essa elite católica faz uso da propaganda política como instrumento de combate, explicitando que o fim da identidade de uma sociedade seria desencadeado com a integração ao Maharashtra. Concomitante a isso, explicita-se a idealização e defesa do arrendamento das terras fundado no antigo sistema de comunidades. Em defesa desse sistema, o jornalismo goês católico formula uma visão de mundo conservadora e reativa à ideia de goanidade vinculada à cultura do Maharashtra.

Importante dizer que essa defesa não se restringe aos colaboradores frequentes do jornal, mas conta com intervenções, nos periódicos, de importantes porta-vozes do UGP, como o caso de Jack Sequeira (presidente do partido), Antônio de Loyola Furtado e Antônio Colaço. Além desses, temos diversos intelectuais atuando diretamente no meio literário, não só aqueles de origem católica, mas também alguns de origem hindu. Esse processo desencadeia um verdadeiro engajamento no campo político conectado diretamente ao campo artístico e intelectual, gerando inúmeras tensões. São essas tensões que queremos explorar, dando ênfase à maneira como ganham corpo na linguagem literária. Temos consciência que os poemas aqui referidos não se reduzem a uma mera resposta a esses conflitos, mas é, fundamentalmente, a partir dessa perspectiva que serão aqui tomados. Optamos também por publicar sempre que possível os poemas na íntegra,<sup>7</sup> pois a maior parte dessas obras literárias ainda não foi publicada em nenhum meio além dos periódicos nos quais apareceram por primeira vez. Além da análise histórico-cultural, cumpre esse artigo, também, o papel de preservar e perpetuar esses poemas, que fizeram histórica política e literária em Goa.

Abordaremos, portanto, esse momento histórico através dos jornais, enfatizando a relação entre campo político e campo artístico e intelectual, focalizando especificamente a literatura.

## 2. Literatura e política nos jornais *O Heraldo*, *Diário da Noite* e *A Vida*

Uma parte expressiva dos escritores que se engajam na luta anti-integracionista participam da UGP ou de organizações que se posicionam contra a ideia de uma cultura goesa associada estritamente ao Maharashtra. A formação do *Comitê Anti-integracionista* e da *Liga dos Escritores Católicos em Concani*, ambos em 1964, por meio do engajamento ativo de escritores como Manohar Sardessai (1925-2006) e Laxmanrao Sardessai (1904-1986), expressa cotidianamente essa tensão social que vigora nesse período. Importantes membros do meio literário

---

7 Só não reproduzimos integralmente os poemas "Goa, esse teu sári", de Maria Elsa da Rocha, "Goa viva, Goa livre", de Alfredo Bragança, e "Zalach Pahije", de Laxmanrao Sardessai, porque as partes suprimidas fugiam da questão específica que trouxe tais textos para este artigo.

goês se engajam nesse processo, como Alfredo Bragança, Maria Elsa da Rocha (1924-2007), R. V. Pandit (1916-1990), entre tantos outros.

Existem também diversos editores e jornalistas que contribuem ativamente para esse processo, tais como: Pe. Lúcio da Veiga Coutinho, atuando em *A Vida* com o pseudônimo de Simple Simon; Carmo de Azevedo, no jornal *O Heraldo*, subscrevendo as seções “Ao bico da pena” e “Gazetilha”, Joseph Barros, no *Diário da Noite*,<sup>8</sup> ou ainda o próprio Jack Sequeira, em *A Vida*, e Antônio Loyola Furtado, em *O Heraldo*.

Uma das dimensões estruturantes dos discursos é o embate contra as reformas na estrutura fundiária, apresentando uma posição frontalmente contrária às visões ditas comunistas e socialistas. Para além disso, há quatro grandes temas tratados nesses jornais: 1) o anti-integracionismo; 2) a defesa da identidade goesa na sua associação ao concani (expresso em forma de literatura, gramática ou tradição musical); 3) a defesa da viabilidade econômica de Goa enquanto entidade autônoma; 4) a luta contra a reforma agrária. A posição da frente anti-integracionista abrange esses quatro temas, tendo sido amplamente difundida em *slogans* e reportagens.

Conectado a esse contexto, intensifica-se a luta em defesa do concani, enquanto instrumento de identidade político social, como fica claro em diversos editoriais desses jornais.<sup>9</sup> Entretanto, em nossa leitura, essa retórica em torno da identidade de Goa dissimula sistematicamente interesses econômicos e políticos ligados às reformas na estrutura fundiária e social. Uma parte substantiva desses escritores detinha diversos privilégios durante o período colonial e vê sua posição social ameaçada.

No âmbito literário, esse processo de tensão pode ser claramente percebido nas diversas poesias que são publicadas nos periódicos aqui estudados, seja na tentativa de conciliar tradições distintas e na forte ambiguidade presentes nos textos de Maria Elsa da Rocha e de Vimala Devi, seja nas leituras propriamente

8 Importante lembrar também, no *Diário da Noite*, das seções do “Zé Martelo” e “Maria Olívia”, dois pseudônimos que criticavam ambos os lados, por suas posições estritamente preocupadas em perpetuação no poder e não voltadas para os sofrimentos da população nesse momento de escassez.

9 Identificamos, só no jornal *A Vida*, pelo menos 30 editoriais e artigos de opinião com o tema da integração como objeto central do texto, havendo diversos escritores importantes no campo intelectual e político (Colaço, Antônio Loyola Furtado, Sarto Esteves, Laxmanrao Sardessai e outros) que vem a público se posicionar contra o processo de integração.

engajadas contra as reformas. Essa tensão pode ser percebida, por exemplo, na poesia de Alfredo Bragança, antes e depois da libertação, em três poemas que são publicados nesses três jornais. No primeiro poema “A Índia e o tricolor”, escrito logo após a libertação da Índia do colonialismo britânico, em 15 de junho de 1947, e republicado em *O Heraldo* em 15 de maio de 1963, há uma visão ufanista do processo de libertação, que irá aos poucos se dissolvendo com o desenrolar do processo:

Quinze de Agosto. Acaba a noite escura...  
Surge o clarão radiante da vitória,  
Anunciando uma Nova Era, de luz pura,  
E a Índia abre mais um capítulo na História.  
Com ele há-de ficar sempre na memória,  
O nobre Ahinsa do Mártir exangue,  
Que derramou suor, lágrimas e sangue,  
Para ver por fim raiar o sol da Glória  
Dessa sua não-violência e artifício,  
Erguem-se de Ashoka a Roda – a Nova Idade,  
E a bandeira Tricolor da Liberdade:  
O alaranjado – cor de Sacrifício,  
O branco – a pureza de criança,  
E o verde – que simboliza a Esperança. (BRAGANÇA, Alfredo, “A Índia e o tricolor”,  
*O Heraldo*, 15 de maio de 1963, p. 3)

Entretanto, em um outro poema “Goa viva, Goa livre”, no fim do mesmo ano (20 de novembro de 1963), já no contexto das tensões entre *MGP* e *UGP*, sua posição é afetada pela tensão interna (eleições) e externa (conflito sino-indiano):

Eles foram...  
Abutres que vieram,  
Abutres que foram,  
Goa não é carcaça,  
Goa não é cadáver,  
Goa viva, Goa livre!  
[...]



Santos e heróis,  
Luzes e faróis,  
Ranés d'antanho,  
Satyagrahas tamanhos,  
Aguadas, Reis-Magos  
E fortes vetustos,  
Então revoltas em vão?  
Não, mil vezes não!  
Eles foram...  
Outros convidam  
À escuridão,  
À escravidão,  
Profetas falsos,  
Para “engolir”  
Nosso rincão,  
Cautela irmão!  
Cautela com amigos  
A soldo dos vizinhos!  
Avalanches dos estados inimigos.  
Capa da amizade  
Hipocrisia, falsidade,  
Cavalo de Tróia,  
Ganância e traição.  
É “China” dentro da Índia,  
Avançando à dianteira,  
Alargando a fronteira,  
Empurrando o Macmahon,  
Adentro do Concão.  
Cautela, filhos de Goa!  
Alerta, filhos de Concão!  
Alerta, filhos da Índia!  
Goa não é carcaça,  
Goa não é cadáver,  
Goa somos nós,  
Goa é nossa,

Viva Goa, livre Goa,

Goa viva, Goa livre! (BRAGANÇA, Alfredo, "Goa viva, Goa livre", *O Heraldo*, 20 de novembro de 1963, p.1).

Agora o inimigo é tanto o chinês, que disputa terras com a Índia na região norte do país, quanto o indiano que quer a anexação de Goa ao estado do Maharashtra, fazendo com que a identidade goesa seja valorizada em pé de igualdade com a indiana, ou ainda mais do que esta. No caso de Maria Elsa da Rocha, no poema "Goa, esse teu Sari", publicado em janeiro de 1963, em *A Vida*, percebemos de imediato um tom de incerteza com as transformações da Goa pós-colonial, como também a recorrente imagem de um inimigo que pode destruir a liberdade conquistada:

Goa,

bebe a luz

do facho da Liberdade

a longos haustos

se os quiseres.

Mas filha,

dá antes um jeitinho

às pregas desse teu sari

desarranjado.

[...]

Mas menina,

sê cautelosa!

manda a brisa, tua amiga,

dizer ao velho Himalaia

que cerre a cortina dos Gates,

que ventos insólitos

te podem arrancar

com fúria libidinosa,

gananciosa

pedaços

desse teu pobre manto... (ROCHA, Maria Elsa, "Goa, esse teu Sari", *A Vida*, 15 de 1963, p. 2).

Aqui novamente a guerra sino-indiana entra em cena e também é a identidade goesa que é exaltada acima de qualquer outra. Desse tom mais ambíguo ou implicitamente crítico com as transformações, há uma transição abrupta, do fim de 1963 para 1964, para um tom mais cético. Isso está diretamente associado a dois fatores: à vitória do MGP, com a conseqüente presença mais intensa do projeto integracionista enquanto pauta institucional, e às reformas na estrutura fundiária (*Land Tenury Act*). Um dos primeiros poemas a expressar esse cenário é o de Philip Furtado, “Was it for this”, publicado no *Goan Tribune* em 25 de abril de 1964 e republicado no *A Vida* no mesmo ano:

Foi para isso que Goa foi libertada:  
 Para ter sua identidade despojada  
 E ser incorporada pelo Maharashtra,  
 Para aplacar a ganância territorial deles?  
 O destino de Goa será decretado  
 Por aqueles que têm o poder no comando da Nação.  
 Serão os goeses ludibriados?  
 A promessa de Nehru se provará falsa?  
 Oh, não! Isso jamais virá a acontecer  
 Se os goeses cumprirem com seu papel;  
 Confrontados pelo inimigo comum,  
 Se as duas comunidades se unirem na luta;  
 Se valorizarem acima de tudo a liberdade,  
 Todos os goeses permanecerão inabaláveis, venha o que vier! (FURTADO, Philip, “Was it for this”, *A Vida*, 25 de abril de 1964, p. 3)<sup>10</sup>

Não é estranho que um jornal de Mumbai, que era um dos baluartes da oposição ao colonialismo português, publique esse tipo de poesia, pois uma parte expressiva dos *freedom fighters* expressam ali seu descontentamento com

---

10 Was it for this that Goa had been freed: / Her separate identity to shed / And be in Maharashtra merged instead, / To appease the latter's territorial greed? / Will such a fate for Goa be decreed / By those in power at the Nation's head? / Will Goans up the garden path be led? / Will Nehru's promise prove a broken reed? / Oh, no! Such things will never come to be / If Goans will but play their part alright; / Confronted by the common enemy, / If both communities unite to fight; / If, prizing above all their liberty, / All Goans will stand steadfast, come what might!

as transformações da Goa pós-colonial. Entre eles, podemos citar o caso notório do brâmane hindu Laxmanrao Sardessai. O escritor foi preso e exilado durante o período colonial, tendo sido bastante conhecido por seus contos em marata. Durante o período imediatamente posterior à libertação, entre meados de 1963 e 1964, trabalha na *All India Radio*, transmitindo um programa em português e em concani, voltado exclusivamente para os goeses. Revela um forte engajamento em prol das pautas do UGP, da defesa do concani e da goanidade, confrontando assim o projeto político do MGP.

Além de ser o fundador, em conjunto com seu filho Manohar Sardessai, de algumas organizações como a já referida *Liga dos Escritores Goeses* e do *Comitê Anti-integracionista*, em 1964, Sardessai publica artigos de opinião e textos literários de forte intervenção política. Confronta diretamente as principais lideranças do MGP, tendo Bhandodkar como seu principal alvo. No poema “O socialista”, publicado em 15 de outubro de 1965 no jornal *A Vida*, representa os socialistas (referência implícita a Bhandodkar) e as medidas em torno do *Goa Daman and Diu Agricultural Tenancy Act*, de 1964, como piores que a exploração tradicionalmente relacionada aos brâmanes e à estrutura de castas:

Proclamas incessante o teu socialismo  
 Que para ti não é mais que uma arma  
 Para angariar votos dos parvos e lorpas  
 Cujas ignorância o astuto brâmane  
 Explorou durante séculos  
 Em seu proveito.  
 Mas tu és mais astuto que o brâmane.  
 O brâmane ignorava então o socialismo  
 Que tu sabes utilizar arditosamente  
 E misturando-o com a democracia  
 Logra produzir uma alquimia  
 Que o brâmane astuto pôde imaginar nunca  
 Ele explorava sim, mas dezenas.  
 Tu exploras milhares de operários,  
 Que suam ou tiritam para acumularem  
 Montes de minério de que tu, sentado  
 No palácio recebes laques em ouro!

Eles pobres vivem ainda em cabanas  
 E merecem tratos de galés!  
 Só os teus lábios proferem o socialismo.  
 Mas os teus actos proclamam  
 Que tu és mais opulento e insaciável  
 Do que os antigos monarcas  
 Que em si viam  
 O povo, a nação e o mundo! (SARDESSAI, Laxmanrao, “O socialista”, *A Vida*, 15 de outubro de 1965, p. 1).

Esta representação também é expressa em editoriais sobre o governo de Bhandodkar, sobre o MGP e sobre o integracionismo, como fica claro em diversas chamadas de jornais e nas charges, como “Political X Talk”, do jornal *A Vida*.<sup>11</sup> Ao apontar a suposta ignorância dos que aceitavam o integracionismo, afirmam que era meramente um desvio das questões fundamentais, com as quais o governo não conseguia lidar, como a fome ou a falta de estrutura do estado, como aparece no poema “Zalach Pahije” (que significa “Assim tem de ser”, lema dos integracionistas), de Laxmanrao Sardessai:

Sou um ignorante  
 Mas, em vez de instrução,  
 Sempre me impingem  
 “Zalach Pahije”!  
 Sou um indigente  
 E persegue-me a fome  
 Mas dão-me, volta e meia,  
 “Zalach Pahije”!  
 Sou um enfermo  
 E sofro da malária,  
 Mas ministram-me  
 Dia e noite doses

---

11 Nessas charges, Bhandodkar é representado sempre como um estúpido que quer integrar Goa ao Maharashtra por razões inescrupulosas ou por uma visão estreita da questão. Por outro lado, Jack Sequeira é representado sempre como alguém capaz de desconstruir os argumentos integracionistas por meio de *insights* geniais.

“Zalach Pahije”!  
Sou um manducar  
E para ser batcar  
– Dizem – devo rezar  
“Zalach Pahije”!  
Sou um eleitor  
E prometeram-me  
O paraíso inteiro  
Contanto que diga  
Sem cessar  
“Zalach Pahije”!  
Sou um mestre-escola  
Mas forçado – sina minha! –  
A ensinar  
A crianças inocentes  
“Zalach Pahije”!  
[...]  
Tem entrada  
Em todos os círculos  
Quem possui  
O santo e a senha  
De “Zalach Pahije”!  
Suga o sangue  
Do pacato cidadão  
A sangue-suga nojenta  
De “Zalach Pahije”!  
Do coração soturno  
o falido MG  
Sai o rouco mugido  
De “Zalach Pahije”!  
O álcool de alto grau  
Faz ao embriagado  
Vomitar bÍlis  
Contra quem quer,  
Assim tem sido

O “Zalach Pahije”!  
Desvirtua e deshonra,  
Abandalha e corrompe  
O slogan assolador  
De “Zalach Pahije”!  
Conflitos na família  
Conflitos na sociedade,  
Conflitos com os amigos,  
Conflitos com os vizinhos,  
A raiz de todos eles  
Está no “Zalach Pahije”!  
A mentira e a hipocrisia,  
O crime e a aleivosia  
São fruto vergonhoso  
De “Zalach Pahije”!  
O fantasma hediondo  
Que profana a dignidade  
Vilipendia o amor,  
Cospe no passado  
E adultera o futuro  
É “Zalach Pahije”!  
Se, ó goês, queres  
Viver em paz e harmonia,  
Repele quanto antes  
A ignominia fatal  
De “Zalach Pahije”!  
Levanta-te e trabalha  
E não está longe o dia  
Em que volte  
Para a terra da sua origem  
A peste maldita  
De “Zalach Pahije”! (SARDESSAI, Laxmanrao, “Zalach Pahije”, *A Vida*, 25 de novembro de 1965, p. 3).

Em “A nossa Deusa” de Laxmanrao Sardessai, publicado em *O Heraldo* de 16 de setembro de 1965, o tom é ainda mais direto, ao dar a entender que o integracionismo seria uma espécie de colonização análoga ao que os portugueses fizeram, comparando o lema colonialista português do “Aqui Portugal” com o maharashtriano “Aqui Maharashtra”:

Então ouvia-se “Aqui Portugal”!  
Agora está em voga “Aqui Maharashtra!”  
Estão eram nossos heróis  
Albuquerque e Gama,  
Agora são Shivaji e Tamaji!  
Então o português era a nossa língua materna,  
Agora é o marata.  
Então a nossa história  
Começava com Henriques,  
Agora com Shivaji,  
Então para ser funcionário  
Era essencial o português,  
Agora, indispensável o marata.  
Então salamaleques aos portugueses,  
Agora aos maharashtrianos.  
Então a pátria era Portugal,  
Agora o glorioso Maharashtra  
Mudados são apenas os nomes,  
O espírito permanece o mesmo!  
Escravidão! Escravidão! Escravidão!  
É a deusa que adoramos!  
A liberdade? Não! Não!  
Confiaremos o destino  
As mãos do tirano!  
Porque só na tirania medra a nossa personalidade  
Rica, variada e tudo o mais  
Mas tem o seu fundo  
A cor da escravidão!  
Glória, pois, à escravidão



Que é a nossa vida

E a nossa consolação! (SARDESSAI, Laxmanrao, “A nossa Deusa”, *O Herald*, 16 de setembro de 1965, p. 1).

O mesmo tom aparece em “A ave de rapina”, uns meses depois, ainda em 1965, ao criticar a opulência e falta de caráter dos integracionistas, diante de uma Goa destruída pela fome e dividida pelos conflitos de toda ordem:

Goa é um moribundo  
 E tu és ave de rapina,  
 Não tenhas medo, amigo  
 Que os teus defensores armados,  
 A pouca distância estão postados  
 Para prosseguires até o fim  
 Na tua cela opípara.  
 Que importa que os filhos da terra  
 Estejam a fome e na penúria,  
 Durante dias e meses?  
 Tu és senhor desta casa  
 Tu decides... tu executas...  
 És como antigos sátrapas  
 Que os imperadores romanos  
 Enviavam para os domínios conquistados  
 Para pilhares as terras,  
 Para semearem terror  
 Nas populações pacatas.  
 Esta em Bombaim o teu Imperador  
 E os que aqui governam  
 São teus lacaios!  
 Este povo é gado...  
 Podes espancá-lo, impune  
 Há leis...  
 Mas tu és o tribunal supremo  
 Não há recurso contra tuas decisões.  
 A tua vontade é lei!

És a última palavra no direito,  
Tu podes ofender, maltratar  
Cidadãos pacatos,  
Que não façam bom cabelo aos teus lacaios  
Es omnisciente  
Mas nada sabes  
Do administrativo e língua  
Mas não importa!  
Para os efeitos da lei tudo sabes!  
Porque representas o Imperador.  
Tu corres, aqui e acolá  
Da aldeia para aldeia, em Inspeção  
Que te rende farta ração  
Pessoas do teu mérito,  
Há-as aqui, aos milhares  
Que podem ser  
Teus mestres na administração  
Mas acha o teu mestre – lacaião  
Que eles são incompetentes!  
És um vampiro que sugas  
O sangue contribuinte  
Contentas-te com esfolá-lo  
Tu vês o dinheiro e usa, nada mais!  
Sabes um dia  
Terás de preparar as malas  
É, pois, necessário acelerar  
O processo de rapinagem  
No tempo de Vice-Reis  
Os fidalgos portugueses  
Faziam a Índia!  
Tu e teus irmãos  
Hoje fazeis Goa!  
Queres a terra  
E odeias o povo  
Queres a terra

Porque há nela farto repasto  
 E odeias o povo...  
 Porque não fais [sic] a tua língua  
 E quer afogar-se  
 No sorvedouro do Maharashtra!  
 Estas a seguir a política da perseguição  
 Perseguir...  
 Os que não falam o marata  
 Perseguir – o brâmane e o cristão  
 Pois, são anti-nacionais!  
 Só tu és o pai da Pátria  
 E contigo o teu mentor  
 Que na verdade é teu laçao!” (SARDESSAI, Laxmanrao, “A ave de rapina”, *O Herald*, 15 de dezembro de 1965, p. 1).

Essas posições são replicadas não somente em forma de poesia, mas também em artigos de opinião de Sardessai e outros. Nos próprios editoriais do jornal *A Vida*, temos uma verdadeira máquina de guerra mobilizada contra Bhandarkar, como no caso emblemático em que o editorial do jornal publica uma carta aberta à Bhandarkar contestando as suas acusações de comunalismo do periódico e o acusando de ser o verdadeiro comunalista (*A Vida*, 17 de maio de 1964, p.1). No entanto, esta postura dualista entre integracionistas e anti-integracionistas é também contestada por outros. Como é o caso do exímio poeta R. V. Pandit, que expressa críticas em dois poemas de 1965 a esses dualismos, tanto em “Marathi versus Konkani”:

Você: ouça!  
 Sou um homem,  
 Você, outro.  
 Porque não somos, então,  
 Irmão e irmão?  
 Só porque o discurso  
 Permite ensinar  
 A nós dois, tolos,

A odiar um ao outro! (PANDIT, R. V., “Marathi Versus Konkani”, *O Herald*, 1965, p. 1; tradução literal nossa)<sup>12</sup>

quanto em “What a Tiny World!”:

Você e eu –

Que estreita

A nossa visão!

Que mundo pequeno

Criamos

Nós dois! (PANDIT, R. V., “What a Tiny World!”, *O Herald*, 26 de outubro de 1966, p. 1; tradução literal nossa)<sup>13</sup>

Entretanto, R. V. Pandit é uma voz isolada dentro desse campo intelectual e artístico repleto de polêmicas virulentas. O que é de fato estruturante entre esses artistas e intelectuais é a composição de uma poesia engajada que busca uma ação política objetiva e não uma conciliação entre classes, grupos e castas. E é este o caso emblemático do já mencionado poeta Laxmanrao Sardessai, que em 1966 é preso por organizar e participar de *Satyagrahas* que buscavam combater o integracionismo, como é o caso de diversos outros políticos e escritores.

Para além dessa invocação à luta e as críticas ao governo, há também, no âmbito literário, uma poesia mais ufanista em prol da permanência de Goa enquanto estado da União, como é o caso do poema de A. C. C. dos Santos Pereira “Two Leaves” (símbolo dos eleitores da UGP contra a integração):

Em 16 de janeiro de 67

Goeses patrióticos serão evidência,

Identidade, “Goanidade” serão detidas,

Nenhuma integração, o veredito ganho!

Coragem indômita, uma postura firme,

Nossa honra reivindicada pela terra,

---

12 Listen, you! / I’m a man; / You’re another. / Why aren’t we, then, / Brother and brother? / Just because speech / Is allowed to teach / Us silly two / To hate each other!

13 I and you – / How strait / Our view! / What a tiny world / We did create, / We two!

Os desejos de Nehru devem ser obedecidos!  
 Temos orgulho do nome goês  
 Nossa pequena terra tem fama mundial,  
 Olhem para o futuro a tempo meus amigos,  
 Deixem o símbolo de nossa vitória ser as duas folhas! (PEREIRA, A. C. C. dos Santos,  
 “Two Leaves”, *A Vida*, 13 de janeiro de 1967; tradução literal nossa)<sup>14</sup>

O mesmo é percebido no poema “Fate in the Balance”, de Fortunado D’Melo, ao invocar os goeses para votar contra a integração e em prol da goanidade:

E sobre o amanhã?  
 Boas novas ou más?  
 Está em jogo  
 O destino  
 Da nossa terra nativa!

O ar que respiramos  
 É ar goês  
 Nossa vida começou com o sopro  
 Desse ar puro  
 E daremos o último suspiro  
 Desse mesmo ar.

Embora os dados sejam lançados  
 Nós venceremos!  
 Embora as chances sejam pequenas  
 Nós venceremos!  
 Embora a traição espreite  
 Nas sombras  
 Nós venceremos!

---

14 On January 16 th’ 67, / Patriotic Goans will be evidence, / Identity, “Goan-ness” will be retained, / No merger, the verdict gained! / Indomitable courage, a firm stand, / Our honour vindicated throughout the land, / Nehru’s wishes must be obeyed! / Proud are we of the Goan name / Our tiny land has world-wide fame, / Look to the future, friends, in time, / Let two leaves be our victory sign!

As Duas Folhas

Em formato de 'V'

Significam Vi-tó-ria!(D'MELLO, Fortunato, "Fate in the Balance", *A Vida*, 15 de janeiro de 1967, p. 3)<sup>15</sup>

É o caso também de Wilfredo, no poema "Levanta-te":

Levanta-te, Goa,

Musa adormecida nas conchas do Concão!

Goa, eterna namorada dos poetas,

Levanta-te

E renega esses profetas,

Falsos e alheios ao teu coração!

Rege o teu próprio destino!

Que vale?

A culpa não é tua

Se nasceste princesinha

Desse torrão latino! (WILFREDO, "Levanta-te", *A Vida*, 10 de janeiro de 1967, p. 3).

O fato do poema ser publicado dias antes da votação do *Opinion Poll* é sintomático desse engajamento contra os ditos falsos profetas do Maharashtra, re-  
gendo o seu próprio destino através da luta contra a perda de identidade. Ainda  
é possível mencionar novamente Fortunato D'Mello que, com a vitória do MGP,  
expressa o seu contentamento no poema "Joy...":

Há uma fontezinha

... correndo, espumando...

No fundo de nossos corações,

É a alegria jorrando

Numa corrente de emoção

---

15 What of the tomorrow? / Good tidings of bad? / In the balance / Hangs the fate / Of our native land! / The air we breathe / Is Goan air / Our life breath began / With this pure air / And we'll breathe our last / Through the self same air. / Though the dilemma be loaded / We'll win! / Though the odds are heavy / We'll win! / Though treachery lurks / In the Shadows / We'll win! / The two leaves / Shaped like a 'V' / Stand for victory!"

Então, aí vamos nós, aí vamos nós

Passeando pela cidade

Para celebrar nossa vitória (D’MELLO, Fortunato, “Joy...”, *A Vida*, 19 de janeiro de 1967, p. 3; tradução literal nossa)<sup>16</sup>

O clima de vitória destes poemas é rapidamente amputado, alguns meses depois, com a derrota do Maharashtra e a reeleição de Bandodkar, em 5 de abril de 1967. Um exemplo dessa reação cada vez mais negativa às transformações reside no poema “Desilusão”, de 1968, do já mencionado Alfredo Bragança, ao apontar que as disputas internas pela língua e pela política deixavam de lado os ideais de liberdade que foram legados por Gandhi e Nehru:

É tudo desilusão,  
 Nem arroz, nem pão.  
 É língua a arder Troas na Índia...  
 A Índia em pedaços,  
 A língua é tudo,  
 Pois não!  
 Muita política,  
 Estômagos vazios,  
 Enquanto uns poucos tubarões  
 Se desfazem  
 Em gargalhadas satânicas.  
 As cinzas de Nehru e Shastri  
 Recusam-se  
 A comisturar com a terra,  
 E alimentar a seara  
 Que gera o pão.  
 Pão que não há.  
 Açúcar também não.  
 Viva a Liberdade

---

16 There’s a little fountain / ...rushing, foaming... / Deep in our hearts, / It’s joy gushing forth / In a spurt of emotion / So here we come, here we come / Tripping into the city/ To celebrate our victory.

Apertando o cinturão.  
Jesus Cristo não desceu da Cruz,  
Não, não,  
Pobre da Humanidade  
Suspensa sem luz,  
Em perene incerteza.  
Tudo isto, sem cor, sem luz,  
Em perene incerteza.  
Tudo isto,  
Sem cor, sem luz,  
Sem arroz, sem pão,  
É desilusão. (BRAGANÇA, Alfredo, “Desilusão”, *O Heraldo*, 26 de janeiro de 1968, p. 2).

Em suma, o tom positivo da vitória não é mantido por muito tempo, mas mais importante que isso é pensar como a disputa pela integração ou anti-integração constitui um importante momento da consolidação da identidade goesa. Em nossa leitura, essa disputa pela goanidade, em particular no lado católico, não só tem relação com questões identitárias, mas serviu sobretudo para dissimular interesses materiais de classes, castas e grupos dominantes em torno de questões muito objetivas: a lei de terras, a manutenção do sistema de comunidades, o privilégio no acesso a cargos públicos etc. Isso fica muito claro não só na produção literária publicada nos jornais, mas também em diversas intervenções nestes periódicos, que consideram a reforma como uma política quase comunista do problema agrário.<sup>17</sup> É que estas práticas ferem a liberdade e o direito à terra dos antigos proprietários, citando o caso do próprio Maharashtra, como exemplo de uma política agrária desastrosa.

Para além da retórica da elite católica ou hindu, a destruição desse velho mundo significava, também, como já abordaram Robert Newman (2001), Raghuraman Trichur (2013) e Parag Parobo (2016), a ascensão social de diversos setores historicamente marginalizados. Segundo Parobo, este processo político no quadro de 1961-1967 significou uma experiência *sui generis* de ascensão das

---

17 Mapeamos pelo menos onze textos nos jornais *A Vida*, entre 1962 e 1964, que se remetem a este tipo de leitura da reforma agrária em curso.



castas baixas, nomeadamente, os *Samaj Bahujans* (PAROBO, 2016, p. 116). A tentativa de articular uma política conciliatória do *India National Congress* (INC) com as castas e os grupos dominantes nos primeiros anos (1961-1963) foi, gradativamente, perdendo terreno com a vitória de um programa cada vez mais confrontador daquela ordem pelo MGP (PAROBO, 2016, p. 118). A derrota do INC e da UGP aliada à vitória do MGP na primeira eleição é sintomática desta disputa expressa na sociedade civil por meio do periodismo literário e jornalístico, não só entre dois campos político-partidários, mas da própria disputa por projetos culturais e de sociedade em meio a uma estrutura socioeconômica em franca transformação.

Uma outra consideração importante é que, tanto o *Diário da Noite* como *A Vida*, que se engajaram na luta, deixam de ser publicados em português e passam a empregar o concani, que certamente simboliza esse quadro histórico da sua crescente importância, mas também o domínio simbólico da língua no âmbito da caracterização da goanidade. É evidente que a literatura cumpriu um papel importante na afirmação de uma identidade goesa fundada no concani e na tradição das comunidades goesas. Foi através dela que a maioria dos jornais e intelectuais da elite católica e brâmanes hindus conseguiu asseverar sua posição. No entanto, não podemos reduzir essas produções meramente a tais fatores lingüísticos e culturais. É preciso também entender a sua dinâmica mais ampla em outros campos da sociedade goesa. Uma chave para isso está no próprio lugar social dos redatores e intelectuais que escreviam os editoriais e artigos de opinião. A maioria detinha diversos privilégios advindos da sociedade colonial; eram brâmanes, proprietários de terra, funcionários públicos, detendo, portanto, uma série de vantagens que se dissolveram com a libertação.

É neste sentido que vem apontando uma certa crítica literária acerca da literatura goesa pós-colonial em língua portuguesa: apesar da preocupação em narrar o subalterno, como fica claro nos próprios poemas de Laxmanrao Sardesai e Maria Elsa da Rocha, entre outros, isso se concretiza sob a ótica de uma elite, seja ela católica ou brâmane hindu (GARMES & CASTRO, 2011; FESTINO, 2016; CASTRO, 2017). O sentimento da maior parte desses escritores é de uma nostalgia que não está localizada em um tempo – já que são no geral críticos ao colonialismo português –, mas em um espaço mítico atemporal, que é associado às tradições e a uma suposta goanidade (as aldeias, o sistema de comunidades, o mandó etc.).

Contudo, é preciso ressaltar que, para as poucas famílias que concentravam a mídia em torno de si, não havia somente interesses na defesa da identidade goesa por questões ligadas à defesa de uma goanidade ou mesmo em confronto ao comunismo. As disputas pelo “monopólio da produção simbólica legítima” (BOURDIEU, 2003, p. 12), no seio da sociedade goesa, não expressam somente interesses ligados ao mundo material (os privilégios sociais em disputa etc.), mas também a questões próprias do campo literário e jornalístico.

Apesar de a literatura engajada buscar apresentar a si mesma enquanto espelho do real, pelo seu objetivo claro em convencer o interlocutor de sua mensagem, não podemos reduzir os escritos destes produtores de bens simbólicos há um mecanicismo vulgar (WILLIAMS, 1980), havendo graus de mediação entre “reprodução social e cultural” (BOURDIEU e PASSERON, 2011, p. 30). Uma parte considerável dos poemas publicados nestes jornais, inclusive por Laxmanrao Sardesai, não diz respeito necessariamente aos conflitos mais diretos da política, sendo por isso importante afirmar que os poemas analisados neste texto são uma parte de um universo literário bem maior.

É preciso asseverar ainda que, a despeito dos avanços neste artigo, há um enorme vácuo em torno dos estudos da imprensa periódica cultural pós-colonial de Goa. A trajetória desses escritores (jornalistas, poetas, críticos literários etc.) e dos grupos intelectuais dos quais faziam parte não foi adequadamente constituída, necessitando ainda a elaboração de uma história social e cultural que reconstrua os distintos contextos no quadro do período turbulento entre a libertação (1961) e o *Opinion Poll* (1967).

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- BRAGANÇA, Alfredo. “A Índia e o tricolor”, *O Herald*, 15 de maio de 1963, p. 3.
- \_\_\_\_\_. “Goa viva, Goa livre”, *O Herald*, 20 de novembro de 1963, p.1.
- \_\_\_\_\_. “Desilusão”, *O Herald*, 26 de janeiro de 1968, p. 2.
- CASTRO, Paul Melo. “Clean Break, Tangled Lives: December 1961 in the Goan Short Stories ‘Rucma, a mulherzinha de Salém’ by Maria Elsa da Rocha and ‘Guerra’ by Sheila Kolambkar”. *Luso-Brazilian Review*, v. 54: 1, 2017, p. 78-101.
- D’MELLO, Fortunato. “Joy...”, *A Vida*, 19 de Janeiro de 1967, p. 3.
- \_\_\_\_\_. “Fate in the balance”, *A Vida*, 15 de Janeiro de 1967.
- FERNANDES, Aureliano. *Cabinet Government in Goa 1961-1993: A chronicle analysis of 30 years of Government and politics in Goa*. Panjim: Maureen & Camvet Publisher, 1998.
- FESTINO, Cielo. “Monção de Vimala Devi: contos de Goa à moda europeia”, *Campinas, Remate de Males*, v. 36, 2016, p. 435-459.
- FURTADO, Philip. “Was it for This”, *A Vida*, 25 de abril de 1964, p. 3
- GARMES, Helder & CASTRO, Paul Melo e. “Lirismo e conservadorismo na arena política: o conto ‘Shivá, brincando...’ da escritora goesa Maria Elsa da Rocha”, *Revista Abril (Niterói)*, v. 6, 2011, p. 77-88.
- NEWMAN, Robert. *Of Umbrellas, Goddesses & Dreams: Essays on Goan Culture and Society*. Mapuça: Other India Press, 2001.
- PANDIT, R. V. “What a Tiny World!”, *O Herald*, 26 de outubro de 1966, p. 1.
- \_\_\_\_\_. “Marathi versus Konkani”, *O Herald*, 30 de outubro, 1965, p. 1.
- PAROBO, Parag. *India’s First Democratic Revolution: Dayanan Bandodkar and the Rise of the Bahujan in Goa*. New Delhi: Orient Blackswan Private Limited, 2016.
- PEREIRA, A. C. C. dos Santos. “Two leaves”, *A Vida*, 13 de Janeiro de 1967.
- ROCHA, Maria Elsa. “Goa, esse teu Sari”, *A Vida*, 15 de 1963, p. 2.
- RODRIGUES, Maria do Céu. *Opinion Poll in Goa: a evaluation of the method to settle the controversy*. PhD. Thesis, Taleigão: University of Goa, 1996.
- SARDESSAI, Laxmanrao. “A ave de Rapina”, *O Herald*, 15 de dezembro de 1965, p. 1
- \_\_\_\_\_. “A nossa Deusa”, *O Herald*, 16 de setembro de 1965, p. 1.
- \_\_\_\_\_. “Zalach Pahije”, *A Vida*, 25 de novembro de 1965, p. 3.
- \_\_\_\_\_. “O socialista”, *A Vida*, 15 de outubro de 1965, p. 1.
- TRICHUR, Raghuraman. *Refiguring Goa: From Trading Post to Tourism Destination*. Panjim: Goa 1556, 2013.
- WILFREDO. “Levanta-te”, *A Vida*, 10 de janeiro de 1967, p. 3.
- WILLIAMS, Raymond. *Culture and Materialism*. London: Verso Books, 1980.